



## Sociedade das Ciências Antigas

### **SOBRE O ILUMINISMO <sup>1</sup>**

#### **JOSEPH DE MAISTRE (1.754-1.821)**

Firme sustentáculo das tradições políticas e religiosas, conservador e católico, pensador “reacionário”, o conde Joseph de Maistre foi também o representante de uma tradição mais secreta e mais importante. Seus cadernos de notas nos informam sobre suas leituras e permitem atestar sua curiosidade por místicos como Jacob Boehme, Mme. Guyon, Eckartshausen, etc. Sobre tudo sabemos que, durante longos anos, Joseph de Maistre foi franco-maçom.

Começou pela franco-maçonaria ordinária na Loja dos “Tres Morteros”. Em 1782, numa “Memória” sobre a maçonaria dirigida ao duque de Brunswick, designa às lojas um papel de círculo de estudos políticos, morais e religiosos. A partir desse momento encontra-se em relação com a maçonaria lionesa de Willermoz, ascendendo aos mais elevados graus. É “Cavaleiro Professo da Ordem dos Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa”, quer dizer, encontra-se no coração de um dos meios ocultistas mais ardentes da época. Nas lojas de Willermoz se conservam os ensinamentos de Martinez de Pasqually, nas quais nem tudo se reduz à Teurgia. E Joseph de Maistre ouvirá ali, com frequência, falar de Saint-Martin, a quem possivelmente chegou a conhecer, teósofo por quem mostraria sempre a mais viva admiração, lendo, relendo, copiando suas obras com as próprias mãos e impregnando-se de seu pensamento. Assim como na Rússia mais tarde, o interesse do conde Joseph de Maistre pelo Iluminismo nunca se apagará.

Manterá prudentes reservas por causa de seu catolicismo, mas, para ele, esoterismo e o cristianismo não se opõem, pelo contrário. O esoterismo é a seus olhos um meio de antecipar providencialmente a terceira revelação, de ir mais além dos ensinamentos oficiais para um cristianismo íntegro, mais profundo e rico. Como poderia duvidar, portanto, da legitimidade deste movimento, quando volta a encontrar, frequentemente, em seu caminho as opiniões dos Padres da Igreja ou dos primeiros grandes filósofos cristãos? O universo se lhe apresenta como uma sagrada realidade, completamente submetido ao governo divino. A teocracia na sociedade, a piedade no coração do homem, não são mais que as consequências evidentes desta primeira constatação. De um plano ao outro, passa-se pelo jogo das correspondências e das analogias: “O mundo físico não é mais que uma imagem, ou se quereis, uma repetição do mundo espiritual, e é possível fazer o estudo de um no outro, de forma alternativa”.

Todo o esforço do pensador tem que tender a por em evidência essas correspondências e avançar por elas, estudando a história, a política, refletindo sobre os princípios das civilizações, a chegada do cristianismo transcendental, etc. Algumas páginas das “Veladas” falam por si sós.

*Extrato de sua obra “As Veladas de São Petersburgo”, conversa décima primeira:*

#### **O CONDE**

... Em primeiro lugar, não asseguro que todo iluminado seja franco-maçom, digo somente que todos os que conheci, especialmente na França, o eram. Seu dogma fundamental é que o cristianismo, tal como o conhecemos hoje em dia, não constitui uma verdadeira loja azul feita para os seres vulgares,

---

<sup>1</sup> Tradução e divulgação autorizadas pelo GEIMME - Grupo de Estudios e Investigaciones Martinistas y Martinezistas de España. Boletín Informativo 07 - Junio de 2006.

mas que depende do homem de desejo poder elevar-se de grau em grau até alcançar os mais sublimes conhecimentos, tal como os possuíam os primeiros cristãos, que eram verdadeiros iniciados. Isto é o que certos alemães denominaram Cristianismo transcendental. Essa doutrina é uma mescla de platonismo, origenismo e filosofia hermética, sobre uma base cristã.

Os conhecimentos sobrenaturais são o grande objetivo de seus trabalhos e esperanças. Não duvidam, em absoluto, que seja possível ao homem pôr-se em comunicação com o mundo espiritual, ter comércio com os espíritos e descobrir, desta forma, os mais raros mistérios.

Seu hábito invariável é o de dar nomes extraordinários às coisas mais conhecidas sob denominação consagrada. Desta forma, um homem para eles é um pupilo, e seu nascimento a emancipação. O pecado original é conhecido como o crime primitivo; os atos da potência divina ou seus agentes no universo são chamados bênçãos, e as penas infligidas aos culpados, palmatórias. Com frequência recebi as palmatórias, quando não era possível assegurar-me que tudo quanto diziam de verdade não era mais que o catecismo cheio de estranhas palavras.

Tive ocasião de convencer-me, faz mais de trinta anos, numa grande cidade da França, que uma certa classe desses iluminados tinham graus superiores desconhecidos dos iniciados admitidos a suas reuniões ordinárias. Tinham, inclusive, um culto e sacerdotes que designavam com a palavra hebraica Cohen.

Isto não quer dizer que não possa haver e que de fato não haja em suas obras coisas verdadeiras, razoáveis e que chamem a atenção, mas que resultam demasiadamente sofisticadas, por mesclar o certo e o falso com o perigoso, sobretudo por causa de sua aversão a toda autoridade e hierarquia sacerdotal. Esse caráter está muito generalizado entre eles e eu jamais pude reconhecer uma exceção entre os numerosos adeptos que conheci.

O mais instruído, sábio e elegante dos teósofos modernos, Saint-Martin, cujas obras tem sido o código dos homens aos quais estou me referindo, participava dessa característica geral. Morreu sem ter querido receber um sacerdote e suas obras apresentam a prova mais clara de que não acreditava na legitimidade do sacerdócio cristão<sup>2</sup>.



**FIM**

---

<sup>2</sup> Refere-se ao Sacerdócio da Igreja Católica.